



ESCOLA DE
HUMANIDADES

CADERNO MARISTA DE EDUCAÇÃO

Caderno Marista de Educação, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 1-7, jan.-dez. 2021

<http://dx.doi.org/10.15448/2763-5929.2021.1.40794>

SEÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Construção coletiva: experiência da escrita colaborativa de um guia no Serviço de Coordenação de Turno

Collaborative construction: the experience of a collaborative writing of a guide in the school shift coordination sector

Heitor dos Santos

Daronch¹

orcid.org/0000-0003-3364-6521

heitordaronch@gmail.com

Marcio Teixeira

de Souza¹

orcid.org/0000-0001-9375-2583

marcio.teixeira@maristas.org.br

Recebido em: 23 abr. 2021.

Aprovado em: 10 set. 2021.

Publicado em: 19 nov. 2021.

Resumo: O presente relato de experiência busca apresentar o processo de criação de um guia básico de orientações aos assistentes de convivência do Colégio Marista Ipanema. Expõe-se a problemática parte da busca por uma padronização das ações dos educadores diante das situações de um cotidiano escolar, bem como da busca por uma melhor acolhida do colaborador que chega na instituição. A construção do documento partiu de uma escrita colaborativa, unindo diferentes atores do colégio, como coordenação de turno, vice-direção educacional e assistentes de convivência. O envolvimento direto dos educadores na confecção do guia desperta o sentimento de pertencimento e valorização por parte da instituição na atuação direta no processo educativo. Ao finalizar a escrita do guia, percebe-se a importância da escuta atenta e da sistematização de ações na atuação dos assistentes de convivência, visando a um legado à instituição, bem como ao incentivo ao diálogo, à gratidão, ao protagonismo e à transformação do ato educativo.

Palavras-chave: Escuta atenta. Escrita colaborativa. Diálogo. Pertencimento.

Abstract: This report of experience presents the creation process of an orientational basic guide for the assistants of Colégio Marista Ipanema school. It exposes the problematic part of the demand for a standardization of the assistant's actions facing daily school situations, as well as for a better reception for new employees in the institution. The making of the document is based in a collaborative writing, uniting different agents of the process, such as the shift coordinators, educational vice-principal, and assistants. The direct involvement of the assistants in the making of the guide brings the feeling of belonging and value for the institution, in the direct action in the educational process. At the end of the guide's writing, the importance of an attentive listening and of the systematization of the assistant's actions is perceived, aiming for a legacy to the institution, as well as for encouraging dialogue, for gratitude, for protagonism and for transformation of the educational act.

Keywords: Attentive listening. Collaborative writing. Dialogue. Belonging.

Introdução

A pandemia causada pela COVID-19 mudou o cenário educativo, a sala de aula passou de um formato presencial para o virtual, a partir de transmissões em tempo real por meio de plataformas como o Microsoft Teams (MARTIN; TAPP, 2019). Para Fernandes (2021), atualmente, há possibilidade de exploração de ferramentas virtuais diversificadas com o avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Entretanto, o autor salienta que muitas pesquisas educacionais concluem que os jovens se mostram insatisfeitos com métodos tradicionais de ensino,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Colégio Marista Ipanema (CMI), Porto Alegre, RS, Brasil.

pois há diversas possibilidades mais atrativas para a juventude.

O presente relato traz uma experiência vivida no ano de 2020 e início de 2021, dentro da Colégio Marista Ipanema, situada na zona sul de Porto Alegre. Um período em que iniciamos com muitas expectativas e planejamentos, porém fomos pegos de surpresa por uma pandemia mundial. Iniciamos o ano de 2020 com as atividades presenciais, contudo com menos de um mês de aulas, fomos obrigados a partir para o ensino remoto. Uma fase inédita e desafiadora para todos os setores da escola. Esse ciclo nos tirou algumas possibilidades que só o presencial é capaz de conceder, mas também nos abriu outras, que o sistema *home office* nos apresentou. Uma delas foi aprimorar nossa observação para aquilo que precisa ser melhorado.

Como fonte de inspiração, parafraseamos nosso querido fundador São Marcelino Champagnat: "Educar é uma obra de Amor". Assim sendo, toda obra necessita de alguns itens indispensáveis, como organização, planejamento, ação etc. Estar em uma instituição Marista nos faz refletir, sentir e aprimorar valores que são fundamentais para a vida humana. Acolhida, pertencimento, empatia, olhar sistêmico e atento são alguns valores que são necessários citar para fundamentar a prática que queremos partilhar nesse artigo. Quando chegamos em um ambiente novo, somos impactados pela forma com que somos acolhidos: atenção, carinho, organização e diálogo franco, são itens fundamentais para uma acolhida de qualidade.

Toda obra, com o passar do tempo, variando a periodicidade, deve ser revisada, avaliada, reformada, repensada, readequada, a fim de qualificar o que ela apresenta. Durante o início da nossa caminhada dentro da obra de São Marcelino, que é o Instituto Marista, especificamente dentro do Colégio Marista Ipanema, e ainda com mais detalhe, dentro do setor de Serviço de Coordenação de Turno, temos um constante olhar para como aprimorar ainda mais o serviço prestado por esse setor. Em uma dessas análises, perce-

beu-se que faltava algo dentro da acolhida aos assistentes de convivência. Na acolhida a um novo colaborador que ingressará nessa função, observamos que há muita atenção e carinho, mas falta algo para melhorar a organização. Constatamos que não tínhamos um documento de orientações iniciais, com ações e práticas que subsidiassem o assistente de convivência frente a situações do futuro cotidiano que irá vivenciar. O mecanismo de aprendizagem do novo educador desse setor constituía-se através da prática do dia a dia. Então por que não qualificar? Por que não aprimorar esse item dentro dessa obra, dentro desse processo que também faz parte da educação de nossos colaboradores e, por fim, de nossos estudantes? Assim, surgiu a ideia de criar o "Guia Básico de Orientações aos Assistentes de Convivência" (GBOAC).²

Acreditávamos que criar esse guia já seria algo de muito valor, porém poderíamos usar essa criação como motivo e alavanca para muitos outros itens, tais como: valorização do diálogo, sentimento de pertença, enaltecimento da opinião de todos, fortalecimento do coletivo, entre outros. No texto a seguir, iremos apresentar como criamos, as experiências vividas e os resultados que obtivemos com a criação desse documento.

1 Pressupostos metodológicos

A escrita do documento intitulado "Guia Básico de Orientações aos Assistentes de Convivência" surge a partir da necessidade de padronização das ações dos assistentes de convivência, bem como da qualificação no processo de acolhida de um novo colaborador. Nesse sentido, foi utilizado o método de escrita colaborativa, na qual as pessoas envolvidas realizaram a escrita do documento em conjunto.

A importância da participação de todos os atores envolvidos na ação educacional torna-se fundamental para despertar o protagonismo do educador, bem como o sentimento de pertencimento à instituição.

A escrita colaborativa do documento foi dinamizada em seis etapas, conforme o Quadro 1.

² Disponível em: https://maristasorgbr-my.sharepoint.com/:b:/g/personal/heitor_daronch_maristas_org_br/efhbzdy1qalel6lsmud4f4gm-bzabd019qiy10kikikdabq?e=vwegso&isspofile=1. Acesso em: 1 set. 2021.

Quadro 1. Etapas da escrita colaborativa

Etapa	Descrição
Etapa 1	Formação do grupo de discussão do guia.
Etapa 2	Escrita individualizada do guia.
Etapa 3	Divisão do texto inicial do guia com os assistentes de convivência.
Etapa 4	Fórum de discussão e diálogo no coletivo sobre o guia.
Etapa 5	Sistematização das contribuições e encaminhamento para revisão ortográfica
Etapa 6	<i>Feedback</i> do assistente sobre a participação no processo de escrita colaborativa.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

A descrição detalhada das etapas será apresentada ao longo do texto.

2 A escuta como fonte de resultados

O ano de 2020 iniciou com dois novos coordenadores de SCT, dois colaboradores que vivenciaram setores distintos dentro da casa. Um foi Assistente Educacional e o outro professor de Educação Física. Em comum, a dedicação pela missão Marista e a vontade de qualificar ainda mais o SCT. Chegar à coordenação de turno exige muita responsabilidade. Com processos em andamento e com uma equipe qualificada, fez com que nosso foco, primeiramente, fosse seguir com as funções mais importantes inerentes ao setor: a organização de entradas, saídas, corredores, intervenções com estudantes, substituições, segurança eram, inicialmente, as nossas prioridades. Alinhado a isso, aconteceu o que acreditamos ser natural para alguém que tem contato com algo novo: observar, analisar e escutar. Observar os processos sendo colocados em prática, para inteirar-se exatamente sobre como lidar com as situações vividas dentro do turno.

Essa intensa aprendizagem ocorreu a partir de processos, com detalhes que precisavam ser respeitados para que seguissemos atingindo os objetivos de cada intencionalidade. Naturalmente, a cada observação tínhamos a sensação de que precisávamos e desejávamos aprender ainda mais sobre o SCT. Logo em seguida, uma análise coletiva: dois coordenadores trocando ideias sobre tudo que haviam vivenciado durante seu dia

de trabalho. Este se tornou um hábito saudável entre a coordenação: a observação, a análise e o diálogo. Com o passar do tempo, viu-se a necessidade de uma escuta atenta aos relatos de cada assistente de convivência. Iniciou-se aí nossa primeira rodada de *feedbacks*, processo no qual nós dialogamos individualmente com cada assistente, realizando perguntas pré-programadas, assim colocando em prática uma escuta atenta a cada palavra, pensamento e intenção dos nossos assistentes. Mesmo reconhecendo a importância do coletivo, ressalta-se a relevância da individualidade no processo, da percepção de cada pessoa, e o quanto foi rico escutar assistentes que já estavam no setor há mais de um ano, como também aqueles que tinham poucos meses de experiência.

Após aprender mais sobre o setor, através da prática e da escuta atenta a cada assistente, iniciamos um processo de qualificação daquilo que acreditávamos ser o ideal. Identificou-se assim, que poderíamos padronizar algumas ações realizadas e percebemos que não havia nenhum registro de como os assistentes deveriam agir em determinadas situações, principalmente naquelas mais recorrentes dentro do turno de uma escola. Na prática, o assistente de convivência que entrava na escola aprendia como lidar com as situações através de suas experiências anteriores e das instruções verbais de um assistente mais antigo. Não que isso seja errado, mas tínhamos aí algo que precisava ser aprimorado. Foi assim que se iniciou o processo de criação de uma espécie de guia, em que teríamos

as respostas práticas de como agir em situações que ocorrem durante o turno de trabalho. Essa iniciativa, além de padronizar as ações do grupo de colaboradores do setor, também seria um legado para a escola, podendo ser usada como orientação inicial para cada assistente de convivência que ingresse no Colégio Marista Ipanema.

3 Caminho da escrita colaborativa

Na sequência, serão descritas as etapas da escrita colaborativa do GBOAC. Esses encontros foram de grande valia para problematizar as reflexões inerentes à construção do guia. Assim, Pinheiro (2011) nos traz uma importante colaboração da escrita em grupo:

[...] num trabalho de escrita em grupo, pode ocorrer a complementaridade de capacidades, de conhecimentos, de esforços individuais, de opiniões e pontos de vista, além de uma capacidade maior para gerar alternativas mais viáveis para a resolução de problemas (PINHEIRO, 2011, p. 228).

O período que compreende as etapas de escrita teve duração de aproximadamente cinco meses. Ao longo de todo esse tempo, estiveram envolvidos diferentes atores do processo, em etapas específicas. Dentre esses estão os dois coordenadores de turno, o coordenador de extraclasse, o vice-diretor educacional e os quatorze assistentes de convivência. As estratégias utilizadas nas etapas foram as reuniões virtuais, com suas pautas detalhadas. Dentro do Colégio Marista Ipanema, o grupo de assistentes de convivência tem uma atuação com mais de mil e duzentos estudantes, o que ratifica a importância na qualificação de sua atuação profissional.

3.1 Etapa 1 – formação do grupo de discussão do guia

Esta etapa foi o marco inicial do documento. Foi criado um grupo para estabelecer os pré-requisitos iniciais do GBOAC. Essa equipe foi composta pela coordenação do turno, pela vice-direção educacional (gestor direto) e pela coordenação de extraclasse (antigo assistente de coordenação de turno) do Colégio Marista

Ipanema. Em um encontro, realizado de forma virtual, foram elencadas as principais ações e funções do assistente de convivência dentro do colégio, informações listadas através das competências descritas na função específica e através das experiências de cada um dos envolvidos no diálogo. Os cenários foram projetados, assim como as mais diversas situações possíveis vivenciadas por esses educadores.

Nesses cenários foram contempladas ações como: o que assistente deve fazer quando observar um conflito entre dois estudantes? O que se deve fazer quando presenciar um estudante machucado? O que se deve fazer quando um estudante estiver sem uniforme? O que deve ser prioridade na observação da entrada e saída dos estudantes? E entre outras situações importantes na atuação do assistente de convivência.

Salientamos a importância da participação de pessoas que já tiveram a vivência dentro do Serviço de Coordenação de Turno, pois isso qualifica a percepção e análise dos cenários, bem como agrega na construção e projeções das novas situações que possam surgir. Pierozan e Castela (2020) apontam que a colaboração entre os sujeitos já se faz presente antes mesmo da própria produção textual, o que designa o caráter colaborativo maior nas práticas do que na própria escrita em si.

3.2 Etapa 2 – escrita individualizada do guia

Cada membro dessa equipe, composta por dois coordenadores de turno, pelo coordenador de extraclasse e pelo vice-diretor educacional, fez a escrita individual do manual, pontuando as suas considerações para cada situação estabelecida. Finalizada a escrita individual, os membros do grupo fizeram a partilha de maneira virtual e, a partir do diálogo, sistematizaram as orientações que seriam estabelecidas no GBOAC, em um único documento.

3.3 Etapa 3 – divisão do texto inicial do guia com os assistentes de convivência

O documento foi enviado a cada um dos assistentes de convivência do colégio Marista Ipanema para uma análise individual do guia. Essa etapa foi fundamental, pois foi solicitado que cada

educador fizesse a leitura do documento com muito cuidado, para apontar as contribuições, críticas e sugestões de elementos que poderiam ser acrescentados ao guia.

3.4 Etapa 4 – fórum de discussão e diálogo coletivo sobre o guia

Após essa análise individual, foram feitos três encontros, todos eles em formato *online*, entre a coordenação de turno com e os quatorze assistentes de convivência para discussão do GBOAC. Cada um desses encontros aconteceu com o intervalo aproximado de uma semana. Em cada momento, os coordenadores de turno trouxeram situações do guia para o debate com os assistentes. Nesse sentido, o protagonismo dos educadores foi o principal mote da etapa, pois eles conseguiram interagir com os demais colegas, escutando as colocações dos outros, trazendo colaborações e contrapontos para o debate. Através de cada fórum de discussão, o documento foi sendo moldado de acordo com o senso coletivo e as experiências vividas por cada um dos participantes. O Projeto Educativo da Rede Marista nos motiva e provoca a formação integral do educador. O documento afirma que “educar com afeto, com disposição para ajudar os sujeitos da escola a se superar continuamente, favorecendo, dessa forma, a construção da autoestima, da autoimagem, da autoconfiança e do protagonismo” (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 73).

Esse espaço de diálogo ratifica a importância do educador e fortalece o sentimento de pertencimento à instituição.

3.5 Etapa 5 - Sistematização das contribuições e encaminhamento para revisão ortográfica

Findada a etapa 4, a coordenação de turno sistematizou as contribuições dos assistentes de convivência dentro do guia. Assim, o documento foi encaminhado para revisão ortográfica para a sua versão final. Cabe salientar que a revisão ortográfica foi feita por um assistente de convivência que tem formação em Letras. Foi uma iniciativa

própria do educador, ratificando o sentimento de gratidão por fazer parte desse momento histórico dentro do colégio.

3.6 Etapa 6 – Feedback do assistente sobre a participação no processo de escrita colaborativa

Para completar o ciclo da escrita colaborativa, foi solicitado a seis assistentes de convivência que respondessem a um questionário³ sobre a participação no processo de construção do guia. O questionário era composto quatro perguntas sobre os sentimentos e percepções que os assistentes tiveram durante as etapas do GBOAC. Esse registro foi de fundamental importância para que pudéssemos coletar a opinião dos nossos educadores e materializar os sentimentos e legados que foram contemplados ao longo da caminhada.

4 Resultados: sentimentos e legado

Quando falamos em legado, normalmente nos remetemos a algo que necessariamente deve estar ligado a uma marca grandiosa, algo que deve ser reconhecido por um grande número de pessoas. Porém, todos nós somos capazes de deixar marcas eternas, mesmo atingindo menos pessoas, assim como também quando fazemos parte de um grupo capaz de deixar um legado grandioso. A criação de um Guia Básico de Orientações aos Assistentes de Convivência poderá ser uma marca deixada pelo grupo que compõem atualmente o SCT. Um documento físico, que registra orientações e práticas, capaz de ser atualizado periodicamente com futuras contribuições, torna-se um legado.

Para além do documento físico, ressaltamos alguns sentimentos gerados durante o processo de criação do guia, que contribuíram para a equipe como um todo. O primeiro é o respeito à individualidade de cada assistente ao conseguirmos escutar a todos, dando voz a quem quisesse falar, promovendo respeito ao sujeito em sua inteireza. Sabemos, de acordo com nosso Projeto Educativo, o quanto isso é importante:

³ As perguntas que contemplaram o questionário foram: 1) O que mais achaste positivo na construção do documento? 2) Como te sentiu ao participar da construção de um documento inédito para escola, que visa registrar e padronizar a ação dos assistentes de convivência? 3) O que achou do processo de construção do documento? 4) Te sentiste pertencente na criação do documento em questão?

Supera-se, então, a visão homogeneizante, estática, monolítica e estereotipada do sujeito, dando-lhe outros significados, compreendendo-a na sua diferença, enquanto indivíduo que possui historicidades, racionalidades, conteúdos simbólicos, visões de mundo, desejos, projetos, frutos de experiências vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais e culturais em que está inserido. Ou seja, os sujeitos da educação e da escola trazem em suas histórias concepções, ideias, valores e significados construídos em amplos e diferentes universos socioculturais (UMBRASIL, 2010, p. 55).

Estar aberto à escuta atenta de cada sujeito gerou também o valor do respeito dentro da equipe. Tivemos momentos riquíssimos de trocas de ideias e de opiniões sobre diversas possibilidades de práticas a serem realizadas dentro da escola por parte do setor. Foi uma satisfação ver as opiniões de assistentes com tempos e experiências diferentes dentro do Marista Ipanema. Orgulha e alegre perceber o respeito mútuo entre eles, escutando uns aos outros, completando ideias, agregando relatos de experiências e projetando futuras tomadas de decisões. Percebemos isso no relato:

Acho que toda e qualquer reflexão feita pelos colegas foi levada em conta pelos coordenadores e respeitada por todos, de forma que toda experiência se mostra válida. Acho que o processo de construção busca uma unidade e padronização. Apesar disso, visa diferentes pontos de vista, sendo uma padronização não rígida, mas algo construído pelo setor e para o setor, levando em consideração as experiências e reflexões individuais e do grupo, a fim de criar um registro que sirva para referência (Assistente 1).⁴

Foi percebido um sentimento de gratidão por todos os envolvidos no processo de construção do documento, sentimento esse que é capaz de gerar um ambiente de trabalho mais harmonioso e uma transformação positiva dentro do coletivo. A neurociência nos explica que a gratidão está totalmente ligada ao sentimento de felicidade. Ambos fazem nosso cérebro entender que algo positivo está acontecendo, assim ele libera dopamina, um neurotransmissor que é responsável pela sensação de prazer. De acordo com o site da Sociedade Brasileira de Inteligência Emocional (2017), a dopamina é:

A dopamina é uma substância que motiva as pessoas a irem em busca de seus objetivos e sonhos. Ela funciona como um ciclo de realização: quanto mais o indivíduo se sente feliz e realizado, mais seu organismo sente a necessidade de realizar outras metas. E quanto mais esse processo é reforçado, mais ele se desenvolve no corpo (SOCIEDADE BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, 2017).

O sentimento de gratidão, alegria e honra ficou evidenciado em todos os relatos dos assistentes de convivência obtidos após a discussão. Ressaltamos aqui dois deles: "Me senti imensamente grata e reconhecida por ter a oportunidade de acrescentar no documento minhas experiências e conhecimentos adquiridos" (Assistente 2)⁵. "Me senti lisonjeado e reconhecido enquanto colaborador/educador ativo da instituição, tendo em vista que a valorização das pessoas é uma marca registrada da Rede Marista" (Assistente 3).⁶

Por último, mas não menos importante, destacamos o sentimento de pertencimento transporecido por cada assistente que participou do processo de discussão sobre o guia. Acreditamos que quanto mais nos sentimos pertencentes a algo, mais dedicação e amor é empregado àquilo que se faz. O guia é um documento de todo o setor, e era nossa responsabilidade e obrigação fazer com que todos se sentissem parte dessa escrita, como também colocá-lo em prática será uma tarefa coletiva de todo o SCT. Para reforçar esse sentimento, trazemos outro relato de um de nossos assistentes: "Me sinto privilegiado de poder estar presente e participar de um documento de tal relevância para a escola. Sinto valorização e pertencimento ao participar da leitura, redação e construção do documento inédito" (Assistente 1).

Assim, temos a certeza de que um legado pode ser uma marca física e concreta. Um documento impresso, que ficará à disposição de todos que necessitarem, mas também pode ser um sentimento intangível, imensurável, e que é capaz de ultrapassar o poder da imaginação e projeção dos resultados que pode obter.

⁴ Relato do Assistente 1 em entrevista escrita a Heitor dos Santos Daronch e Márcio Teixeira de Souza, em Porto Alegre, 2021.

⁵ Relato do Assistente 2 em entrevista escrita a Heitor dos Santos Daronch e Márcio Teixeira de Souza, em Porto Alegre, 2021.

⁶ Relato do Assistente 3 em entrevista escrita a Heitor dos Santos Daronch e Márcio Teixeira de Souza, em Porto Alegre, 2021.

Considerações finais

Uma tomada de decisão ou ação prática, sempre que possível, deve privilegiar uma observação inicial. Tomar consciência de algo é o primeiro passo para a construção mais saudável de uma ação. Grande parte do sucesso final dessa experiência, que foi a escrita de um guia para os assistentes de convivência, deu-se no seu início, no qual, por um bom período, observamos e realizamos uma escuta atenta de várias partes. Essa escuta também deve ser ressaltada. Escutar quem está perto de você, sem estar atento ao que é falado, não traz benefícios, e por vezes o tempo é desperdiçado. Ao contrário, quando a escuta é atenta, o detalhe de uma fala pode ser o início de um aprimoramento.

Dentro de nossas salas de aula, nossos professores trabalham o diálogo como fonte de riqueza, ferramenta de troca para trabalhar valores importantes. Nós educadores também precisamos ter no diálogo, com intencionalidade, uma estratégia eficaz de mudança. Fazer dele um recurso para o aprimoramento, usando-o, quando possível, com todos os envolvidos dentro da escola.

Nesse envolvimento de todos dentro da escola, o diálogo potencializa a participação, pois torna o educador parte do processo. Mais que isso, tornar o educador pertencente e protagonista na ação educativa, seja na reflexão sobre a sua ação individualizada, seja em um olhar ampliado para o "fazer" do grupo. A construção coletiva, através do diálogo, foi um processo encantador e muito rico.

Portanto, como ponto chave mais desafiador, acreditamos que essa experiência relatada conseguiu unir a escuta atenta com o diálogo, a fim de construir algo que auxiliará de forma efetiva o Setor de Coordenação de Turno. Um guia que servirá como consulta inicial para novos assistentes, como recurso de respostas para dúvidas que surgirem, assim como fonte para futuras escutas e diálogos, quando for necessário aprimorar esse documento. O próximo passo do Guia será colocá-lo em prática e analisar sua efetividade, durante o ano de 2021.

Referências

PIEREZAN, D. M. S.; CASTELA, G. S. Práticas colaborativas de escrita e multiletramentos na produção textual do ensino médio. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 293-313, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4021>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PINHEIRO, P. A. A escrita colaborativa por meio do uso de ferramentas digitais: ressignificando a produção textual no contexto escolar. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 9, n. 3, p. 226-239, set./dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2011.93.07>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL. *O poder da gratidão: os benefícios de agradecer*. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.sbie.com.br/blog/o-poder-da-gratidao-os-beneficios-de-agradecer>. Acesso em: 19 abr. 2021.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Projeto educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a educação básica*. Brasília: UMBRASIL, 2010.

Heitor dos Santos Daronch

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Coordenador de turno do Colégio Marista Ipanema, em Porto Alegre, RS, Brasil.

Marcio Teixeira de Souza

Graduado em Educação Física (PUCRS) em Porto Alegre, RS, Brasil. Coordenador de turno do Colégio Marista Ipanema, em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Heitor dos Santos Daronch
Colégio Marista Ipanema
Av. Coronel Marcos, 1959
Pedra Redonda, 91760-000
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.